



#cm

2

QUARTA-FEIRA

# McQueen **isento de IPVA**

Com **20 anos do lançamento de 'Carros'**, uma nova geração de crianças **redescobre a franquia que não foi sucesso de crítica**, mas inspirou milhões de fãs mundo afora, **incluindo pilotos da Fórmula 1. Página 2**

# Mais que aprovado no test-drive

Lançado há 20 anos, 'Carros' sobreviveu ao tempo e segue mais atual do que nunca para a alegria dos fãs de todas as idades



Fotos/Divulgação

Esnobado pela crítica, o longa original da franquia trata da jornada de autoconhecimento de Relâmpago McQueen

## PEDRO SOBREIRO

Nesta terça-feira (30) o lançamento do filme 'Carros' no Brasil completou 20 anos. A história sobre Relâmpago McQueen, o carro de corrida arrogante que acaba em uma cidadezinha abandonada e descobre o verdadeiro significado da vida e das corridas, não foi muito bem recebida pela crítica da época, mas sobreviveu a algo muito maior do que as avaliações dos especialistas: sobreviveu ao teste do tempo.

Mais popular do que nunca, a franquia é um sucesso sem igual no Brasil e no mundo, mostrando que até mesmo quando a crítica massacrava, a Pixar consegue dialogar com seu público de forma muito especial. O sucesso da saga de McQueen é tão grande que o aniversariante foi escalado para retornar a cinemas do mundo inteiro em outubro deste ano para que a atual geração de crianças, tão apaixonada pelos carrinhos quanto a molecada dos anos 2000, possa ver a aventura nas telonas pela primeira vez.

Aproveitando a vinda da vice-presidente sênior de Desenvolvimento da Pixar Animation Studios, Lindsey Collins, ao Brasil, o Correio da Manhã abordou esse sucesso longínquo da franquia com a executiva,



que mais do que apenas trabalhar nos bastidores, também deu voz a duas personagens do filme original: Mía e Tia, as carrinhas "tietes" de McQueen.

"Eu amo 'Carros'. O fato de a franquia ainda estar tão presente, especialmente com esta nova geração, é incrível! Minha filha mais nova, por exemplo: o filme favorito da vida dela é 'Carros'. Acho fascinante observar como os nossos filmes voltam a ganhar força quando atingem novamente a geração que agora está passando pelo fim da adolescência,

sabe? Você consegue ver o impacto real que o filme teve na vida deles após terem crescido com a obra", comentou a executiva.

Por falar em impacto de 'Carros' na atual geração de jovens adultos, o filme é cada vez mais falado nos padoques da Fórmula 1, a mais nobre categoria do automobilismo mundial. Com uma geração muito jovem de pilotos, o que não falta no grid são fãs de Relâmpago McQueen. Um deles é o fenômeno da temporada, Kimi Antonelli.

Isolado na liderança do cam-



Piloto da Racing Bulls na Fórmula 1, Liam Lawson conta que assistia o filme 'dia sim, dia não'

A coleção de miniaturas dos personagens da franquia virou objeto de desejo de fãs de todas as idades

peonato mundial, o prodígio de 19 anos da Mercedes definiu 'Carros' como seu filme favorito em vídeo divulgado nas redes sociais da escuderia. "Se eu tiver que escolher um filme favorito, eu diria 'Carros'. O primeiro. Acho que eu nem tinha nascido quando foi lançado. É de 2006 [Kimi nasceu dois meses depois do lançamento do filme]. É o filme da minha infância e o meu favorito. Eu assisto até hoje. Katchow", diz Antonelli, citando o bordão do personagem.

Mas talvez ninguém seja tão

fã do icônico carrinho vermelho quanto o neozelandês Liam Lawson. Piloto da Racing Bulls, Lawson já falou algumas vezes que foi o filme que despertou sua paixão pelas corridas. Em seu perfil oficial no site da Fórmula 1, o piloto de 24 anos tem alguns parágrafos dedicados a sua idolatria pelo filme. "Eu já assisti esse filme tantas vezes... Sinceramente, eu diria que quando era bem novo, eu assistia dia sim, dia não, e realmente era dia sim, dia não. Era algo que eu fazia todo dia, ou talvez ficasse uns dois dias sem ver, mas eu assistia muito. Com certeza já vi mais de 100 vezes", afirmou.

Perguntado como ele gostaria de ver um personagem que o representasse em um filme da franquia, ele não hesitou. "Obviamente ele teria que ser rápido, e teria que correr. Ele teria que ser como o Relâmpago McQueen e teria que correr na Copa Pistão", lembrou.

Esse impacto do filme sobre a atual geração de jovens adultos é um efeito muito interessante, que não costuma acontecer com muitos filmes. Atemporalidade não é para qualquer um. Para Lindsey Collins, isso é belíssimo. "Estou amando o fato de 'Carros' estar completando 20 anos, porque sinto que o filme está passando por um renascimento. A franquia e os animadores estão recebendo uma onda enorme de carinho, como se tivesse acabado de sair dos cinemas. Honestamente, acho que tudo isso se deve à Mía e à Tia [risos]. Gosto de dizer que nós somos o verdadeiro segredo por trás da magia de Carros", brincou a produtora.

O último filme da saga chegou aos cinemas há quase uma década. Lançado em 2017, 'Carros 3' abordou a luta de McQueen contra a aposentadoria, o que desagradou alguns fãs, que não queriam ver o ídolo 'passar o bastão' para a nova geração. Diante de uma executiva da Pixar, seria um crime não perguntar se existe um 'Carros 4' nos planos do estúdio. A VP disse que 'as portas estão sempre abertas'.

"Olha, nós sempre estamos abertos a um novo capítulo. A forma como lidamos com sequências em geral é reunir as mentes criativas por alguns anos para conversar e debater: 'Quais ideias temos por aí? O que poderíamos fazer? Há algo interessante?'. Às vezes, terminamos o dia tendo se divertido e dado muitas risadas, mas sem nenhuma grande ideia concreta. Outras vezes, saímos dizendo: 'Meu Deus, acho que temos duas ou três ideias fantásticas que deveríamos levar adiante'. Então, eu nunca sou contra fazer uma sequência para Carros, contanto que haja uma ótima ideia para tal. Sou contra fazer uma sequência apenas por fazer, apenas para lucrar. Mas atuar como produtora de Carros 4? Estou sempre aberta a receber projetos. Então, quem sabe? — concluiu Lindsey Collins.

Carros está disponível no Disney+.

# Viagem à eternidade... de Fernando Coni Campos



Cineasta baiano que criou uma obra compacta (mas, genial) da década de 1960 até sua morte, em 1988, ganha sobrevida graças a um documentário de seu filho, Luis Abramo

**RODRIGO FONSECA**

Especial para o Correio da Manhã

**E**m seu empenho para mostrar que restaurar e preservar filmes também é a maior diversão, a CineOP, encerrada na terça-feira em Ouro Preto, depois de cinco dias de exibições e debates, escancarou uma festa em nossa memória audiovisual que leva a um tesouro pouco explorado (mas valiosíssimo) das artes brasileiras: a filmografia do baiano Fernando Coni Campos (1933-1988).

A redescoberta de seu legado, na paisagem das Gerais, teve um componente filial de afeto. Respeitado como diretor de fotografia por seu requintado trabalho com a luz nos sets, Luis Abramo, filho de Fernando, foi quem se incumbiu de buscar para seu pai um prestígio (ainda que póstumo) à altura de seu engenho. Para isso, dirigiu (em duo com Pedro Rossi) um documentário sobre essa figura paterna das mais raras, imbuída de poesia e circundada por um cinema de encantarias.

O longa, “Fernando Coni Campos: Cada Um Vive Como Sonha”, passou no É Tudo Verdade, em abril, mas ganhou novo fôlego na CineOP. É, de longe, um dos melhores longas do ano, mesmo sem chegar a circuito. Sua narrativa é uma espécie de acerto de contas entre nossas Telas e a História. Revive momentos de alta voltagem lúdica de Fernando, como o longa “O Mágico e o Delegado”, produção



O fotógrafo e realizador Luis Abramo, que preserva o legado encantado de seu pai



‘O Mágico e o Delegado’ vence o Festival de Brasília de 1983



‘Ladrões de Cinema’ (1977), um dos mais exibidos pela TV Brasil



Fernando Coni Campos e Lutero Luiz, um de seus atores fetiche

ganhadora do troféu Candango de Melhor Filme no Festival de Brasília de 1983. Esse exercício autoralíssi-

mo periga ser - ao lado de “O Profeta da Fome” (1970), de Maurice Capovilla - a mais potente alegoria

Coni Campos. Não por acaso, ambos trabalharam com um mesmo ator, também da Bahia: Antonio Pitanga. Ele foi um dos astros de “Ladrões de Cinema” (1977), que é, para muitos, a obra-prima de Fernando. Essa comédia, sobre moradores de uma favela empenhados na realização de um longa, passa regularmente na TV Brasil.

Pitanga é um dos convidados especialíssimos do trabalho de escuta feito por Rossi e Abramo em seu documentário. Os dois ainda resgatam outra pérola de Fernando: “Viagem ao Fim do Mundo”, uma espécie de reinvenção de “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis, laureada com o Leopardo de Prata no Festival de Locarno de 1968.

“Sou parceiro do Pedro Rossi há bastante tempo. Já escrevemos um roteiro juntos, até. Mas foi depois de ver o seu filme ‘Rubens Gerchman o Rei do Mau Gosto’, que nos conectamos para realizar um filme sobre o Fernando Coni Campos”, conta Abramo. “Eu já desenvolvia de certa forma, com os meus irmãos, um acervo de memórias de amigos e parentes do meu pai. A princípio, pensamos em usar uma estrutura semelhante àquela do ‘Viagem ao Fim do Mundo’. Assim, desenvolvemos um roteiro usando essa liberdade narrativa que aquele filme tem. Nessa perspectiva, tinha muito desejo de contar lembranças, minhas e dos meus irmãos. No meio do caminho, encontramos uma gravação de uma fita perdida, há muito tempo, que redesenhou um pouco o nosso desejo, para atender quase um pedido para o Fernando contar a sua própria história. Pedro foi fundamental também nessa articulação dos materiais de arquivo com as ideias do Fernando sobre o seu cinema”.

De um lirismo atípico, Fernando fez uma trajetória singular, da infância em Castro Alves, no interior da Bahia - como irmão mais velho das suas seis irmãs, ouvindo histórias e fábulas e imaginando realidades mágicas - à adolescência rebelde, não se ajustando às disciplinas rígidas dos colégios de Salvador. Depois, foi cair direto dentro de uma acirrada luta ideológica no Curso de Gravura do MAM, em São Paulo. No Rio, nos anos 1960, entre o mundo da poesia e das artes plásticas, Fernando entra em contato com a turma de designers radicais que, estudando semiótica e semântica, questionavam a validade da Arte e o conteúdo social dela, discutindo até que ponto essa arte engajada não era uma redundância. Ali, Fernando encontra o cinema como uma possibilidade de expressão. Fez-se a luz.

sobre a escassez de alimentos no Brasil dos coronéis, capitães e outros braços armados da Lei. É um filmaço muito menos visto do que merecia. Na Mostra de São Paulo de 2020, essa quase fábula foi projetada e, como a maratona paulistana bem definiu à época, ele ainda “revela um autor tropicalista, experimental e com forte influência da literatura”.

“Meu pai sempre escreveu cartas para defender os seus filmes”, conta Abramo, que fotografou cults como “Proibido Proibir” (2006). “Vejo esse documentário, meu e do Pedro Rossi, como uma grande carta dele para que seja escutado, para que suas ideias e seus filmes sejam vistos. O que mais nos deixa feliz é ver, após as suas exibições, o desejo de muitas pessoas na plateia de buscarem a sua cinematografia, de reverem os seus filmes. A tarefa agora é de conseguir colocar todos os seus longas em condições de serem vistos dignamente. Uma dura tarefa”.

Em 2020, Abramo trabalhou em outro projeto ligado a pais simbólicos de nosso cinema: rodou com Paloma Rocha (o avassalador) “Antena na Raça”, cancelado pelo Festival de Cannes. É um estudo sobre o programa de TV de Glauber Rocha (1939-1941), o “Abertura”, que se amplia para outras façanhas do titã por trás de “Terra em Transe” (1967), baiano como Fernando

Regresso de 'Luiz e Nazinha – Luiz Gonzaga para Crianças' ao Rio confirma o êxito do projeto Grandes Músicos para Pequenos, um dos maiores êxitos populares do teatro infantil no Brasil

**RODRIGO FONSECA**

Especial para o Correio da Manhã

**V**isto por mais de 200 mil pessoas, o musical infantil “Luiz e Nazinha – Luiz Gonzaga para Crianças” volta ao Rio de Janeiro para uma curta temporada, a partir de 04 de julho de 2026, no Teatro I Love PRIO, localizado no Jockey Club – RJ. Elegia ao Rei do Baião, o espetáculo já rodou diversas capitais do Brasil, ao longo de uma década de apresentações lotadas, e, neste mês, fará mais oito apresentações na cidade, com sessões, aos sábados e domingos, sempre às 16h.

Sua exitosa trajetória catapultou a fama do projeto Grandes Músicos para Pequenos, criado pela produtora Entre Entretenimento (fundada pelo diretor Diego Morais e pelo ator e dramaturgo Pedro Henrique Lopes) com o objetivo de levar às crianças o repertório de nomes importantes da cultura brasileira. Esse trabalho se dá sempre por meio de montagens que mesclam biografia e canções da ou do artista homenageada/o, aproximando gerações em espetáculos para toda a família.

Já foram encenados “Pimentinha - Elis Regina para Crianças”; “O Menino das Marchinhas” (sobre Braguinha); “Bituca” (com foco em Milton Nascimento); “Tropicalinha” (dedicado a Caetano Veloso e Gilberto Gil); “A Menina do Meio do Mundo” (sobre Elza Soares); “Ritinha Rock & Roll” (inspirado em Rita Lee); e “Raulzito Beleza”, que tocou a Metamorfose Ambulante da MPB para baixinhos. Todas essas experiências na seara da biopic (o épico



O musical Luiz e Nazinha volta aos palcos cariocas para nova temporada

# No resfolego da sanfona... e do sucesso



Tropicalinha

biográfico) foram aclamadas pelo público.

“Luiz e Nazinha – Luiz Gonzaga para Crianças” tem direção do já citado Diego Morais e direção musical de Guilherme Borges. Em agosto, a dupla também reestrea outros espetáculos de sucesso de sua trajetória: “TcHiBuM! – A

Liga Aquática” e (o supracitado) “Ritinha Rock & Roll - Rita Lee para Crianças”, na EcoVilla Ri Happy.

“Já foram 350 mil pessoas em sessões por todo Brasil, em cerca de 13 anos de projeto”, dizem (a uma só voz) Morais e Pedro Henrique Lopes, que responderam conjunta-



O Menino das Marchinhas

mente às questões do CORREIO DA MANHÃ. “A escrita para os espetáculos do Grandes Músicos para Pequenos segue uma regra básica: ativar conjuntamente o interesse da criança e do adulto que estão ali nos assistindo. É explorar as camadas de compreensão de cada etapa da vida à medida que a

história vai acontecendo. O adulto recebe de uma forma, a criança de outra. Todos se interessam e desfrutam da mesma história com emoções diferentes. Uns entendem de forma mais complexa e outros ficam mais no lúdico da proposta. O bacana é que, no final, todos se encontram, transformando aquela

Merícia Cassiano/Divulgação



A Menina do Fim do Mundo

Junior Mandriola/Divulgação



Ritinha Rock Roll

Junior Mandriola/Divulgação



Pimentinha

Junior Mandriola/Divulgação



Bituca

Carol Burgo/Divulgação



Diego Moraes e Pedro Henrique Lopes

“A escrita para os espetáculos do *Grandes Músicos para Pequenos* segue uma regra básica: ativar conjuntamente o interesse da criança e do adulto que estão ali nos assistindo” **PEDRO HENRIQUE LOPES**

“O adulto recebe de uma forma, a criança de outra. Todos se interessam e desfrutam da mesma história com emoções diferentes. Uns entendem de forma mais complexa e outros ficam mais no lúdico da proposta” **DIEGO MORAIS**

experiência numa deliciosa memória coletiva e em família”

Luiz Gonzaga (1912-1989) é visto em sua fase de galetto ao belo canto no espetáculo vai levar o I Love PRIO a um arrasta-pé. A trama se passa no interior do Nordeste, com destaque para a descoberta do amor, quando o jovem Luizinho se apaixona por Nazinha, filha de um coronel que não permite o namoro deles. O resultado é uma fábula romântica inocente, voltada para toda a família, embalada por grandes sucessos do músico, como “Asa Branca”, “Que Nem Jiló”, “Baião”, “O Xote das Meninas”, “Olha Pro Céu”, entre outros. No elenco, estão o próprio Pedro Henrique Lopes (como Luizinho), Aline Carrocino (Nazinha), Fegab (Santana / Elvira) e Sergio Somene (Januário / Raimundo).

“A dramaturgia do projeto é costurada pela obra dos nossos homenageados. O repertório muitas vezes ganha novos significados, dentro de um contexto mais lúdico, infantil, que dialoga com o dia a dia das crianças e suas famílias”, explicam Pedro Henrique e Diego. “É importante que os espetáculos do *Grandes Músicos para Pequenos* sejam reflexos do cotidiano dos nossos espectadores e que, por isso, possam sair do teatro e fazer parte das conversas dentro das casas de nossas plateias. O teatro serve como um despertar de interesse para reflexões dos temas aborda-

dos e serve para os espectadores se aprofundarem na obra musical e na vida dos homenageados”.

Quem são os próximos artistas a ganharem musicais no projeto? Diego e Pedro fazem surpresa. “Esse é um segredo que adoramos guardar a sete-chaves. O que podemos dizer, por enquanto, é que os próximos espetáculos são nomes que, desde o primeiro ano do projeto, são muito solicitados e amados pelas famílias que nos assistem”, dizem os produtores, em resposta conjunta. “Nosso público adora essa brincadeira de participar das decisões ativamente dos próximos homenageados. Eles interagem mesmo. Sugerem nomes, ideias, músicas... Nós adoramos manter isso vivo! É também uma forma da experiência começar dentro de casa, para que individualmente cada um vá na sua memória afetiva e resgate e traga de volta as trilhas sonoras que marcaram suas vidas, porque é como dizemos no slogan do projeto a música brasileira é parte das nossas vidas desde sempre”.

**SERVIÇO**

**LUIZ E NAZINHA - LUIZ GONZAGA PARA CRIANÇAS Teatro I LOVE PRIO**

(Jockey Club Brasileiro - Av. Bartolomeu Mitre, 1.110 - Leblon)  
De 4 a 25/7, sábados e domingos (16h)  
Ingressos: R\$ 90 e R\$ 45 (meia)

ENTREVISTA | **JORGE CAETANO**

ATOR

# ‘O palco é o lugar onde posso colocar o corpo inteiro em risco’

Nil Caniné/Divulgação

**RODRIGO FONSECA** Especial para o Correio da Manhã

**C**unha-se um verbo coerente com os tempos atuais (e urgente), o verbete “apocalipsar” (cujo significado seria “atravessar o fim em busca de algo novo”), na nova aventura teatral de Jorge Caetano: “Apocalip-se”. É cheio de som e de fúria, com tudo o que esse multiartista carioca gosta de encarar. Com texto inédito de Julia Spadaccini, em parceria com Marcia Brasil, a peça estreia no Teatro Poeira, neste 2 de julho, debatendo solidão, tecnologia e saúde mental numa linha de reconexão humanista, para além da dependência digital nossa de todo dia. Concebida como um musical, a montagem mistura teatro, rock e audiovisual a fim de retratar o fim do mundo não como destruição, ou praga bíblica, mas como transformação da consciência.

Idealizador, protagonista e codiretor do espetáculo (com Alexandre Mello), Caetano vive um homem solitário aprisionado pela lógica do consumo e pelos vícios que o celular gera. Desde a pandemia, ele permanece isolado, relacionando-se apenas com uma assistente virtual, vivida ada por Nina da Costa Reis. Incapaz de estabelecer vínculos reais, o sujeito encontra na música a única possibilidade de comunicação genuína com o mundo.

Movido por uma inquietude multimídia de quem se divide entre as artes plásticas, as artes cênicas e o cinema, Jorge Caetano já colecionou aplausos e elogios da crítica ao surpreender o teatro carioca em metamorfoses de si mesmos. Brilhou em “A Porta da Frente” (2013), “Aos Domingos” (2013) e “Os Estonianos” (2008). Reinventa-se ainda em vários filmes que fez (e faz) com o casal Patrícia Niedermeier e Cavi Borges, como o belíssimo “Fado Tropical” (2019).

Na entrevista a seguir, Caetano — que nasceu na Penha, cresceu em Caxias e fez teatro entre o Tablado e a CAL — explica ao Correio seu projeto estético.

**Qual é o espaço que a solidão protagoniza nessa sua nova ventura teatral? De que forma a condição solitária reflete o entorpecimento digital dos nossos tempos?**

**Jorge Caetano** - “Apocalip-se” é uma comédia dramática musical, focada no isolamento de um homem no seu próprio apartamento após o período da pandemia. O ponto central da narrativa é a relação densa e claustrofóbica que ele desenvolve com uma inteligência artificial. No centro do palco, a IA ganha uma dimensão física e agigantada. Ela é o eixo do mundo em cena, o lugar onde o personagem vive, dorme e questiona sua vida e o mundo. A IA é a representação da nossa solidão. O protagonista conversa com uma máquina porque o ser humano se tornou complexo e assustador demais para ele lidar. Essa presença tecnológica ganha vida na figura de uma atriz, a Nina da Costa Reis, que dá voz e humanidade à máquina em momentos de contracena. O apartamento deixou de ser um refúgio e virou uma extensão da mente do personagem. A rua passou a ser vista como o território do perigo, do imprevisível. Além da IA, uma

banda com três músicos pontua essa atmosfera. A música ao vivo traduz sonoramente o turbilhão interno do personagem.

**O que seu personagem revela sobre a condição masculina?**

Esse personagem revela a crise do homem solitário 60+, rodeado de remédios e suplementos, que questiona se vai conseguir amar novamente antes de o mundo acabar, que se descobre frágil, apavorado e incapaz de pedir ajuda de forma convencional. Esse sujeito é um homem comum que vive em um looping temporal obsessivo — simbolizado pelas horas iguais, como o 22:22 que ele vê constantemente no relógio —, preso em uma rotina onde a única válvula de escape é o rock visceral que ele canta. Foram criadas seis canções originais, compostas por mim em parceria com o músico Felipe Storino. A música é o elemento que quebra o naturalismo do isolamento, sua válvula de escape e traz a força telúrica para a cena. É onde o personagem explode e mostra o que restou de sua humanidade.

**Como se dá a sua parceria com a Julia Spadaccini, autora de muitos de seus sucessos como ator na cena?**



“O teatro hoje é o último reduto de resistência do ‘aqui e agora’. Em uma era onde tudo é digital, efêmero e mediado por telas, o teatro oferece a emoção da presença física”

**ni, autora de muitos de seus sucessos como ator na cena?**

A parceria com a Julia Spadaccini, que dessa vez divide a dramaturgia com Márcia Brasil, é fruto de uma profunda sintonia artística e intelectual sobre as crises das relações humanas. contemporâneas. Nossa troca sempre passou por esse desejo de investigar o indivíduo comum diante de situações limite, sempre com humor, poesia e dessa vez com a música ao vivo. A minha parceria com Alexandre Mello, que assina

comigo a direção, também foi de uma afinidade impressionante.

**Hoje o que o teatro te oferece como espaço de criação e invenção?**

O teatro hoje é o último reduto de resistência do “aqui e agora”. Em uma era onde tudo é digital, efêmero e mediado por telas, o teatro oferece a emoção da presença física. É um espaço de invenção porque nos permite o improviso e nos deixa dilatar o tempo da reflexão. O palco é o lugar onde posso colocar o corpo

inteiro em risco — a voz, o suor, a emoção bruta.

**O que você tem de filmes com Patrícia Niedermeier e Cavi Borges pela frente?**

Essa parceria cinematográfica gerou obras viscerais no cinema independente, marcadas pela investigação e liberdade criativa. Fui coautor do roteiro de dois dos quatro longas que fizemos juntos: “Reviver” (2018), “Fado Tropical” (2019), “Não Sei Quantas Almas Tenho” (2023) e o inédito “Andrômeda”.



V Branco/Divulgação

O Grupo Anima aprofunda sua pesquisa musical ao fazer os ritmos tradicionais nordestino conversarem com a herança musical ibérica no livro CD 'Na Pancada Desvairada'

AFFONSO NUNES

Sou um Tupi tocando um Alaúde.” O verso de Mário de Andrade, publicado em 1922 no livro de poemas “Pauliceia Desvairada”, é o fio condutor de um projeto ambicioso do Grupo

Anima: transformar em música de concerto as melodias que o modernista anotou durante sua viagem etnográfica pelo Nordeste entre 1928 e 1929. O resultado é “Na Pancada Desvairada”, décimo álbum da trajetória do conjunto, que reúne 18 músicas inéditas compostas e arranjadas pelos oito integrantes do grupo a partir do vasto acervo de Andrade guardado no Instituto de Estudos Brasileiros da USP

O trabalho representa a primeira dedicação exclusiva do Anima ao polímata Mário de Andrade — uma homenagem a quem, em momento crucial da história cultural brasileira, arregaçou as mangas e foi a campo ouvir os artistas do povo. Entre as faixas estão duas que incorporam trechos de áudio capturados pela própria missão de pesquisas folclóricas organizada por Andrade em 1938: “Desafio Em Martelo Agalopado” e “Aboio Final”.

O repertório navega entre cocos, desafios rimados, toadas e aboios coletados em cidades como Bom Jardim (Rio Grande do Norte), Recife (Pernambuco) e João Pessoa (Paraíba). O que torna o projeto singular é sua abordagem metodológi-

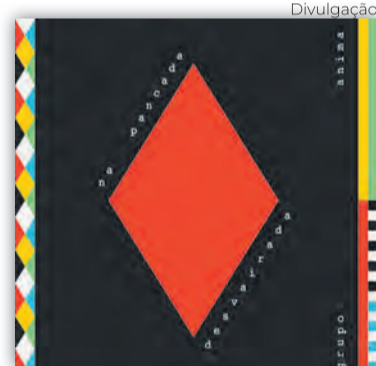
# Des. vai rada mente MUSICAIS

Grupo Anima resgata melodias do Nordeste anotadas por Mário de Andrade em novo álbum

ca: o Anima não apenas resgata essas melodias, mas as coloca em diálogo deliberado com a música medieval e renascentista ibérica. Rabecas, violas sertanejas, gaitas de cabocolinho e percussões afro-brasileiras conversam com harpas trovadorescas,

flautas medievais e instrumentos renascentistas. É uma releitura que o grupo vem explorando há décadas — a introdução da rabeca brasileira em 1991, através do músico José Eduardo Gramani.

A ideia é exatamente essa de-

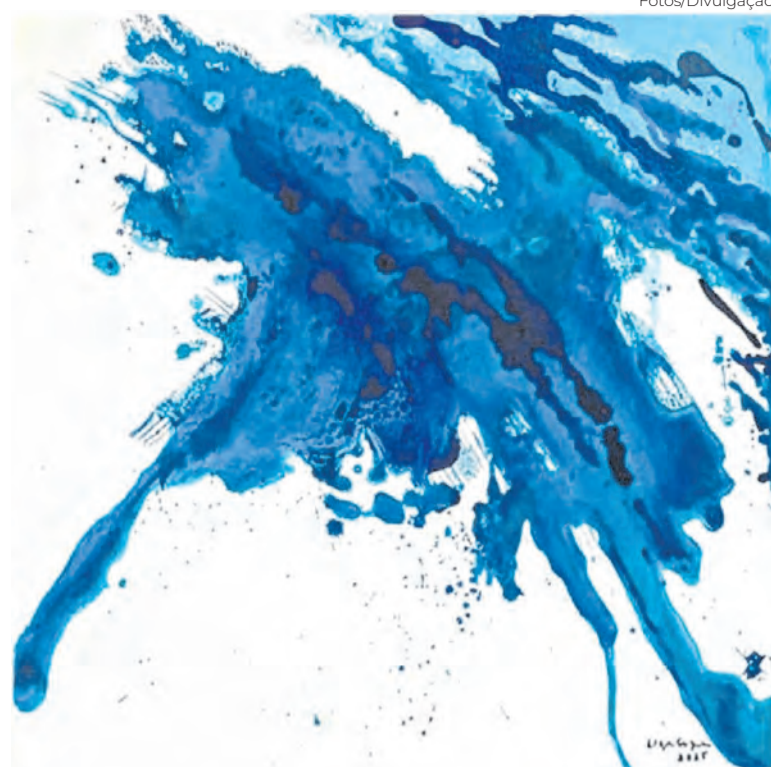


Divulgação

da viagem etnográfica, além de ser acessível para leitura em voz alta por aplicativos para pessoas cegas.

A pesquisa musical de Andrade sempre foi parâmetro para a trajetória do Grupo Anima — um caminho ao revés do colonialismo impregnado na música de concerto. Os originais da colheita de Andrade estão guardados no IEB/USP, e a consulta a essas fontes primárias foi central ao projeto para nortear questões estéticas e composicionais em relação à rítmica e ao caráter improvisatório dos cocos, por exemplo. O Anima faz uma revisitação deste vasto repertório propondo uma leitura pela ótica das matrizes e matizes da música afro-brasileira cruzando-as com aquelas da idade média e da renascença ibéricas. O Grupo Anima construiu sua reputação ao longo de mais de três décadas explorando essas conexões entre fontes indígenas, africanas e ibero-medievais.

Desde 1997, acumula prêmios como o Movimento de Música Brasileira (melhor CD instrumental em 1998), APCA (melhor grupo de música de câmara em 1998), Carlos Gomes (2000) e Funarte de Música Brasileira (2017). Seus espetáculos funcionam como pesquisa em performance, onde etnomusicologia, musicologia histórica e teatro contemporâneo se entrelaçam. O projeto foi contemplado pelo PROAC Edital Fomento CultSP PNAB 24/2024 e é lançado pela produtora e gravadora Kuarup, especializada em música brasileira de alta qualidade.



# Aquilo que insiste em existir

Exposição 'A Cor de um Sonho' transforma poesia em experiência visual



## AFFONSO NUNES

**U**m azul impossível de nomear. Assim Adélia Prado descreve a cor que habita um de seus poemas — aquela que surge entre o dormir e o despertar, entre o vivido e o sonhado. A partir deste sábado (4), durante o Circuito Bhering, a Galeria Dobra/ArtNova transforma essa imagem poética em experiência visual. A exposição "A Cor de um Sonho" reúne 27 artistas que dialogam com as dimensões do invisível, do intuitivo e do imaginado, oferecendo ao público uma conversa entre a palavra de Prado e a linguagem plástica.

O ponto de partida é preciso: no poema que inspira a mostra, a poeta mineira narra um sonho feito de preparativos, tecidos, revelações e cores. Há vermelhos refletidos nos cabelos, uma sempre-viva amarela de miolo azul — aquele azul singular que ultrapassa a própria palavra. Adélia Prado encerra o poema com uma afirmação simples e potente: "Eu sonhei uma cor. Agora, sei".

A curadoria de Marcelo Rezende encontra nessa imagem um eco na trajetória de Yves Klein, artista francês que dedicou grande parte de sua obra à investigação do azul como experiência imaterial. O Azul Klein, desen-



*Inspirada por um poema de Adélia Prado, a exposição reúne obras que dialogam com as dimensões do invisível, do intuitivo e do imaginado*

volvido por Klein em 1960, não representa o céu ou o mar — é um campo aberto à contemplação, ao infinito e ao imaginário. Uma cor capaz de existir para além da descrição, exatamente como acontece nos sonhos.

Entre os 27 artistas da coletiva estão nomes como Ana Luiza Mello, Bruno Castaing, Camilo Portugal, Carlomagno, Denise Braune, Daniel Franco, Danielle Castaing, Dulce Lysyj, Elza Suzuki, Fátima Vollú, Hortensia Pecegueiro, Ise Meirelles, Jac Carrara, Leila Bokel, Luiza Vieira, Maria Ignez, Mônica Moreira, Marcelo Rezende, Nilmar Ashton, Nicole Vivoni, Patrícia Secco, Rose Aguiar, Ricardo Hachiya, Sandra Schechtman, Silvia Azevedo e Virna Santolia. A diversidade de trajetórias e linguagens plásticas sugere uma abordagem plural sobre o tema — não uma única resposta, mas múltiplas formas de habitar o espaço entre o visível e o invisível.

A proposta da curadoria dialoga com uma questão central na poesia de Adélia Prado: a capacidade de transformar o cotidiano, o sonho e a intuição em matéria de reflexão. Seus poemas, publicados desde 1976 com o livro "Bagagem", entrelaçam o sagrado e o profano, o trivial e o transcendente, oferecendo uma linguagem direta que toca o leitor. A exposição convida os artistas visuais a fazer algo semelhante: dar forma, cor e presença àquilo que habita o espaço entre o imaginado e o real, aquilo que insiste em existir mesmo quando não conseguimos nomeá-lo com precisão.

## SERVIÇO

### A COR DE UM SONHO

Galeria Dobra/ArtNova (Rua Orestes, 28, 2º andar, Fábrica Bhering, Santo Cristo)  
De 4 a 25/7, quintas e sextas (12h30 às 17h) e sábados (10h às 18h)